

Modos de Ouvir: sons de Uberlândia – a inserção do experimental como introdução à disciplina de Radiojornalismo da UFU¹

Sandra Sueli GARCIA DE SOUSA²
Universidade Federal de Uberlândia

Resumo

“Modos de Ouvir: sons de Uberlândia” é a inserção do experimentalismo como introdução à disciplina de Radiojornalismo, ministrada no quarto semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia. O objetivo é estimular o aluno ao entendimento do conceito de paisagem sonora desenvolvido por Murray Schafer, tomando-se como exemplo o trabalho prático de Eduardo Vicente da Universidade de São Paulo, intitulado “Sonoracidade: um retrato sonoro da cidade de São Paulo”. Desta forma, o aluno entra em contato com o universo sonoro da cidade durante as primeiras aulas, como forma de sensibilizá-lo em relação ao ouvir. Para tanto, inicialmente, discute-se o conceito de território sonoro (OBICI, 2008) e da cultura do ouvir (SCHAFER, 2001; MENEZES, 2008) após, os alunos são orientados a realizar um trabalho prático que verse sobre os sons da cidade de Uberlândia.

Palavras-chave: cultura do ouvir; paisagem sonora; experimentações.

Introdução

O presente artigo mostra a experiência sonora das primeiras aulas da disciplina “Radiojornalismo” ministrada no quarto período do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia. Nesta experiência, os alunos são orientados a captar sons da cidade, editá-los e rerepresentá-los em forma de “clips” audiofônicos com um minuto de duração.

A orientação ao trabalho surge a partir da leitura de textos de autores que versam sobre a cultura do ouvir (SCHAFER), territórios sonoros (OBICI) e a estruturação das cidades diante do avanço tecnológico (DI FELICE). Além disso, descreve-se e analisa-se auditivamente alguns capítulos da série “Sonoracidade: um retrato sonoro da cidade de São Paulo”, produzida pelo prof. do CTR-USP, Eduardo Vicente. O objetivo principal é levar o aluno ao contato auditivo e consciente dos sons que o cercam como forma de melhor prepará-lo para a carga de informação técnica da disciplina de Radiojornalismo.

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Este trabalho foi apresentado com apoio da Fapemig – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais.

² Docente do curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFU. E-mail: sandrasueli@faced.ufu.br

O ouvir

Quem se acostumou a ouvir com autodomínio e respeito, acolhe e retém o que é útil, discerne e reconhece melhor o que é inútil ou falso mostrando-se amante da verdade e não quereloso nem precipitado e genioso (PLUTARCO).

A capacidade de ouvir do ser humano parte de um processo puramente físico que funciona a partir da captação de tudo que é sonoro traduzido como informação ao cérebro. Os sons atingem a orelha e de lá seguem para o interior do canal auditivo. É lá que se localiza o tímpano, uma fina membrana, delicada e sensível que recebe vibrações que são transmitidas a um conjunto de três ossos minúsculos (martelo, bigorna e estribo). As vibrações vão sendo ampliadas à medida que cruzam com cada um dos ossos até chegarem ao ouvido interno. Em forma de caracol, o ouvido interno possui pelos e um líquido que ajudam na propagação do som. No final do caminho, as vibrações sonoras estimulam células nervosas para alcançar o cérebro, só então percebemos o som (SILVA, 2008, s.p.).

No ambiente urbano, o som está em toda parte e vem de todos os lados e em várias alturas. Não é à toa que tratamos de nos refugiar em uma sonoridade própria, escolhida a dedo e armazenada em celulares e/ou outros aparatos tecnológicos. Andamos com fones de ouvido e escolhemos o que ouvir. Tornamo-nos assim alheios aos sons e às conversas dos outros ao redor (embora haja muito som e conversa ao redor). O interesse passa a ser o consumo de uma música, uma cena, um outro jogo que nos lance rapidamente para o momento seguinte.

De acordo com Giuliano Obici, criamos territórios sonoros. “Quando somos tomados pela necessidade de criar, vocal ou mentalmente, linhas que constituem o território, este se cria por necessidade e urgência, como instinto de preservação e para afastar forças do caos” (OBICI, 2008, p. 80). É assim, por não agüentar tanta exposição a uma sonoridade alheia, que nos refugiamos em nosso próprio território. Obici afirma vivermos em um mundo “fundamentalmente desterritorializado” (OBICI, 2008, p. 87).

Quando o caos ameaça, cumpre traçar um território transportável e pneumático. Em face de tamanha mobilidade, buscamos estabelecer um mínimo de estabilidade, procurando circunscrever territórios a nossa volta (...) Esse atual paradigma pode ser pensado a partir das mídias sonoras e dos aparatos tecnológicos que são espécies de fábricas ambulantes, de territórios móveis. Cada vez mais, a portabilidade desses meios e equipamentos tem se difundido, criando territórios portáteis, que nos

acompanham em muitos aspectos da vida, como meios de criar uma zona temporária de segurança em momentos de solidão, ansiedade, medo ou pavor, espera, monotonia. O celular, o mp3 *player* e o *laptop* cumprem a função de acompanhar-nos até onde não se imaginava ser possível: a intimidade, o espaço privado (OBICI, 2008, pp. 87-88).

Para sair desse círculo vicioso, não seria necessário, segundo o autor, um refúgio a lugares afastados do cenário urbano. Melhor seria politizar a escuta e entender sua potência:

Politizar a escuta sem torná-la paranóica, sem moralizar ou diabolizar os sons da cidade, das máquinas, dos equipamentos eletrônicos e da mídia. Pensar a cidade contemporânea, diferentemente do filósofo da montanha exasperado com o ruído urbano, entendendo essa mutação de regimes de poder em relação ao sonoro sem nostalgia e desespero. Ao invés de apontar o que de bom está se perdendo, preocupa-nos assinalar o que surge como potência. Entendamos a duplicidade desse tema como uma via de mão dupla, como a cumplicidade dos extremos: poder e potência.

O contraponto a Obici é o compositor canadense R. Murray Schafer que prefere sim partir rumo a uma “limpeza dos ouvidos”, uma forma de preparar a audição para ouvir o ambiente ao redor. A expressão nasceu a partir do curso de música experimental que deu origem ao livro “O Ouvido Pensante”. O compositor canadense atenta que os ouvidos executam operações muito delicadas e sua “limpeza” é um pré-requisito importante a quem ouve e executa música.

Ao contrário de outros órgãos dos sentidos, os ouvidos são expostos e vulneráveis. Os olhos podem ser fechados, se quisermos; os ouvidos não, estão sempre abertos. Os olhos podem focalizar e apontar nossa vontade, enquanto os ouvidos captam todos os sons do horizonte acústico, em todas as direções (SCHAFER, 1991, p. 67).

Já no livro “A Afinação do Mundo”, Schafer preocupa-se com a poluição sonora, segundo o autor, “um problema mundial” e só a partir do momento em que o homem consiga perceber os sons inconvenientes é que conseguirá eliminá-los. Por isso, não basta ignorar os ruídos ou diminuí-los:

Precisamos procurar uma maneira de tornar a acústica ambiental um programa de estudos positivo. Que sons queremos preservar, encorajar, multiplicar? Quando soubermos responder a essa pergunta, os sons desagradáveis ou destrutivos predominarão a tal ponto que saberemos por que devemos eliminá-los (SCHAFER, 2001, p. 18).

Para alcançar esse intento, o canadense propõe categorizar os temas da paisagem sonora³, são elas: o **Som Fundamental**, os **Sinais**, as **Marcas Sonoras** e os **Sons Arquetípicos**.

Som Fundamental – termo musical; “os sons fundamentais não precisam ser ouvidos conscientemente; eles são entreouvidos, mas não podem ser examinados, já que se tornam hábitos auditivos, a despeito deles mesmos” (SCHAFER, 2001, p. 26); Para o autor, esses sons são importantes porque ajudam a “delinear o caráter dos homens que vivem no meio deles” (SCHAFER, 2001, p. 26); e estão presentes (os sons) na geografia e no clima de determinado lugar. “Muitos desses sons podem encerrar um significado arquetípico, isto é, podem ter-se imprimido tão profundamente nas pessoas que os ouvem que a vida sem eles seria sentida como um claro empobrecimento”⁴ (SCHAFER, 2001, p. 26);

Sinais – tratam-se de sons que ouvimos conscientemente, como exemplo, os avisos acústicos: sinos, apitos, buzinas, sirenes.

Marca sonora – “se refere a um som da comunidade que seja único ou que possua determinadas qualidades que o tornem especialmente significativo ou notado pelo povo daquele lugar” (SCHAFER, 2001, p. 27). Os tocar dos sinos de uma igreja ou de relógios, o apito de uma fábrica, de um trem, etc são exemplos de marcas sonoras.

Sons arquetípicos – “aqueles misteriosos sons antigos, não raro imbuídos de oportuno simbolismo, que herdamos da alta Antigüidade ou da Pré-história” (SCHAFER, 2001, p. 26). Shafer utiliza a definição de Jung para explicar os arquétipos (SCHAFER, 2001, p. 240):

Símbolos que podem surgir de forma autóctone em qualquer canto do mundo e apesar disso são idênticos, porque gerados pelo mesmo inconsciente humano, difundido em toda parte, e cujos conteúdos são infinitamente menos diferentes do que as raças e os indivíduos. A esses símbolos de “primeira forma” Jung deu o nome de “arquétipos”. Eles são padrões de experiência primordiais herdados e remontam ao início dos tempos. Não têm extensões sensíveis por si próprios, mas podem ser expressos em sonhos, nas obras de arte e na fantasia.

³ No original, *soundscape* que significa todo e qualquer evento acústico presente em um lugar.

⁴ A partir disso pensamos o que seria do povo amazônica sem o som da chuva e dos pássaros cantando? O que seria de uma pessoa acostumada a viver à beira mar, sem o som do oceano? Ou de alguém que mora em cidades com ruas pavimentadas com paralelepípedos sem o som dos calçados ressoando neles? Ou de alguém, por exemplo, ao lado do Elevado Costa e Silva em São Paulo, o popular Minhocão, sem o som do trânsito? Estariam esses sons tão impregnados na vida das pessoas que a ausência deles acarretaria em um vazio?

A maior preocupação do autor é com os sons que estão se perdendo em meio ao turbilhão de novos sons que são lançados a todo instante. “Só percebemos aquilo que podemos nomear. Em um mundo dominado pelo homem, quando o nome de uma coisa morre, ela é eliminada da sociedade e sua própria existência corre perigo” (SCHAFER, 2001, p. 59).

Diante dos dois argumentos em relação ao que fazer diante da escuta nas cidades, optamos por simplesmente trabalhar o equilíbrio entre as duas ideias, de Giuliano Obici e Murray Schafer. O equilíbrio nasce a partir do entendimento que é possível sim recorrer aos sons fundamentais como forma de mantê-los gravados na memória e pode-se, ao mesmo tempo, captar as sonoridades do tempo presente como forma também de apresentar o mundo que nos cerca. As ambiências sonoras, portanto, estão presentes de diversas formas e, como observadores e ao mesmo tempo participantes, somos instados a refletir sobre as mesmas, principalmente estando em lugares que nos fornecem sonoridades diversas.

A cidade – modos de ser

Estar em uma cidade hoje é muito diferente de estar na cidade há alguns anos. A partir da Revolução Industrial, a vida nas cidades muda drasticamente e aceleradamente, principalmente com o advento da Revolução Digital que traz novas formas de convívio e troca entre as pessoas.

Mudaram as estruturas econômicas da cidade que propiciaram o aumento de poder da burguesia industrial e mercantil, e apareceu também uma nova conformação física para a mesma. As migrações contínuas do campo para a cidade fizeram com que o habitante urbano se “acostumasse” de certo modo com a aparição de “estranhos”. As novidades não seriam restritas aos indivíduos estranhos, mas a objetos, lugares, hábitos estranhos que fariam do sujeito urbano um ser capaz de olhar o mundo com “outros” olhos (PRYSTHON e CUNHA, 2008, p. 7).

Toda essa mudança no significado da cidade e de como se sentir nela acaba por romper fronteiras antes muito bem demarcadas, conforme atesta Paul Virilio (1991, p. 11 apud PRYSTHON e CUNHA, 2008, p. 12):

Se a metrópole possui ainda uma localização, uma posição geográfica, essa não se confunde mais com a antiga ruptura cidade/campo, tampouco com a oposição centro/periferia. A localização e a axialidade do dispositivo urbano perderam há muito sua evidência. Não somente o subúrbio provocou a dissolução que conhecemos, mas também a oposição ‘intramuros’, ‘extramuros’ se dissipou ela própria, com a revolução dos transportes e o desenvolvimento dos meios de comunicação e de

telecomunicação, daí esta nebulosa conurbação de franjas urbanas (VIRILIO, 1991, p. 11 apud PRYSTHON e CUNHA, 2008, p. 12).

Complementando a passagem de Virilio, o sociólogo Massimo Di Felice percebe que “as metrópoles pós-industriais multiplicaram-se ao infinito em todas as direções, delineando-se como espaços sem centro, enquanto constituídos por circuitos elétricos estendidos ao infinito (FELICE, 2009, pp. 156-157)”. Nesta obra, Felice defende o fim da experiência urbana e fala das atuais formas comunicativas do habitar. Detém-se nas mídias como um todo, da leitura às redes digitais. Para ele, vivemos hoje em *metropoleletrônica*:

O que fazemos nela é nos deslocarmos continuamente não só de um lugar para outro ou de um andar para outro, mas também de uma mensagem para outra, de um espaço mental para outro, de uma situação social para outra. O nosso telefone celular toca e passamos a habitar socialmente em um outro espaço; apertamos o *play* do nosso MP3 ou *Ipod* e as arquiteturas dos prédios e das ruas tornam-se audiovisuais, videocliques, paisagens-fluxos. Na *metropoleletrônica*, é a paisagem que migra permanentemente (FELICE, 2009, p. 166).

O autor defende que os meios eletrônicos fazem a mediação entre os espaços que acabam tornando-se formas dinâmicas e plurais da mídia. Nesses espaços todos são “experimentadores de pós-subjetividades e de uma metageografia eletronicamente mediadas (FELICE, 2009, p. 169)”. Di Felice refere-se cidades de grande porte e seu objeto de estudo é São Paulo, uma cidade na qual as pessoas passam muito tempo de suas vidas em trânsito contínuo, ao contrário de uma cidade de porte médio, onde as distâncias são menores, como é o caso de Uberlândia, MG.

Uberlândia – terra fecunda

A cidade de Uberlândia pertence ao chamado Triângulo Mineiro e geograficamente está localizada a oeste do Estado de Minas Gerais. Trata-se de uma cidade de porte médio, classificada como uma das cidades mais desenvolvidas de Minas Gerais. O município fica em local estratégico, entre seis grandes capitais brasileiras: Campo Grande, Cuiabá, Goiânia, Belo Horizonte, São Paulo e Brasília e é considerado o principal centro industrial do Triângulo Mineiro, com uma população estimada, em 2011, de 611.903 habitantes⁵. Em termos de população, é a primeira cidade do interior mineiro e o segundo mercado consumidor de Minas Gerais⁶.

⁵ Dados do IBGE. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?>](http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?), acesso em 25 de jun 2012.

⁶ “Uberlândia: pólo de desenvolvimento e qualidade de vida no coração do Brasil”. Revista eletrônica da Prefeitura Municipal de Uberlândia. Disponível em: http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/5472.pdf. Acesso em: 25 de jun 2012.

Em Uberlândia vemos como não é mais possível dividir a cidade em urbana ou rural: ao mesmo tempo em que mostra claro desenvolvimento, também comporta traços de um ambiente e de uma vida rural, o que pode ser constatado nos bairros mais distantes do centro da cidade. Dividida em cinco regiões (centro, norte, oeste, sul e leste), o município possui 95 bairros; seis distritos ou vilas e sete favelas e/ou assentamentos. Uberlândia traz características de uma grande cidade: viadutos, shoppings, prédios em construção convivem com as regionalidades demonstradas no sotaque mineiro, na culinária local, no cantar de pássaros pela manhã e no modo de ser dos habitantes, que a cada dia convivem mais com pessoas de fora que se estabeleceram na cidade.

Uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) comprovou o que, na prática, muita gente já imaginava. Quase metade da população de Uberlândia é natural de outros municípios. De acordo com os dados divulgados na sexta-feira (27), 48,5% dos moradores da cidade são de fora e se mudaram para cá por causa da família, do estudo, da qualidade de vida ou das oportunidades no mercado de trabalho. São os chamados ‘uberlandinos’, termo criado pelo jornalista Luiz Fernando Quirino para definir os forasteiros que adotaram Uberlândia para viver. Isso coloca a cidade em 39º lugar em Minas Gerais, no ranking de população não natural de cada município (CALFAT, 2012, s.p).

A partir destas informações sobre a cidade e suas particularidades, propomos aos alunos do quarto período do curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFU, em grande parte, provenientes de outras cidades mineiras ou de Estados vizinhos, um trabalho de observação aos sons presentes em sua rotina e na rotina de Uberlândia, como forma de sensibilizá-los à cultura do ouvir, de acordo com o que explica José Eugenio Menezes:

Quando falamos em cultura do ouvir retomamos as possibilidades de todo o corpo, especialmente do universo sonoro, antes e depois dos equipamentos de comunicação. Assim, temos o trabalho direto com o som nas narrativas e diálogos da comunicação tridimensional, como também mediado na comunicação nulodimensional quando, depois dos equipamentos de MP3 ou programas de áudio, por exemplo no formato *streaming*, ouvimos os sons reconstituídos por autofalantes ou fones de ouvido. Não se trata aqui de negarmos a importância da comunicação bidimensional do universo das imagens ou da comunicação unidimensional do universo da linearidade da escrita, mas de transitarmos entre os quatro processos de comunicação e observarmos onde podemos ouvir e cultivar vínculos sonoros (MENEZES, 2008, p. 114).

Sons de Uberlândia – experimentações

O curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia é novo, começou a funcionar em 2009. É um curso semestral, oferecendo 40 vagas por ano e funciona em regime integral. A disciplina de “Radiojornalismo” é ofertada

no quarto semestre do curso. Em 2011, já com o curso mais estruturado para atender as demandas da disciplina, optamos em testar o uso do experimentalismo sonoro nas primeiras aulas de Radiojornalismo, como forma de trabalhar uma espécie de sensibilização do ouvir junto aos 37 alunos, divididos em turmas A e B.

Após as discussões de textos, foi a vez de mostrar a prática do experimentalismo sonoro presente no trabalho “Sonoracidade: um retrato sonoro da cidade de São Paulo”, de Eduardo Vicente, professor do Departamento de Cinema, Rádio e TV (CTR) da Universidade de São Paulo e pesquisador do universo sonoro, com equipe de produção de alunos e ex-alunos do Audiovisual. O trabalho se insere no âmbito da rádio-arte e foi um dos vencedores na categoria do Prêmio Roquette-Pinto, por meio do I Concurso de Fomento à Produção de Programas Radiofônicos em 2010, promovido pela Associação das Rádios Públicas do Brasil (Arpub).

“Sonoracidade...” é uma série composta de 72 episódios, cada um deles com duração de cinco minutos, segundo a sinopse:

Série construída a partir da captação de áudio de diferentes aspectos do cotidiano da cidade e de seus habitantes (transporte, lazer, estudo, comércio, etc). Além de apresentar a enorme diversidade étnica e cultural da cidade, a série busca sensibilizar o ouvinte para a importância e riqueza do dado auditivo, frequentemente subestimado em nossa sociedade tão eminentemente visual.

Da série, foram escolhidos aleatoriamente cinco episódios: “Corinthians”, “Feira Livre”, “Metrô Linha-Vermelha”, “Shopping Center” e “Galeria do Rock” cada um desses episódios mostra uma particularidade da cidade de São Paulo: uma das maiores torcidas do Brasil assistindo o jogo de seu time; as famosas feiras livres com sua profusão de produtos; o ambiente interno da linha-vermelha do metrô; o shopping Center, também característico de São Paulo e finalmente a Galeria do Rock, ponto tradicional de encontro de roqueiros e movimentos alternativos da cidade.

Após ouvidos, comentados e discutidos, os episódios serviram como base para a experiência “Modos de Ouvir: sons de Uberlândia”. O trabalho foi feito em duplas de alunos. Escolhidos os temas, os alunos montaram a pauta para cada situação sonora e foram orientados a captar os sons com o equipamento que tivessem disponível, celular, MP3, gravadores, etc, pois neste primeiro contato, o importante não era tanto a qualidade auditiva e sim o processo de “descobrimento” e descortinamento do território sonoro escolhido. Foram trabalhados os dezesseis temas a seguir, alguns por mais de uma dupla, escolhidos pelos alunos:

1. **Trajeto de ônibus** – sons de dentro do ônibus mostrando o burburilho do trajeto;
2. **Terminal Central** – sons do burburilho do Terminal Central da cidade, onde se concentram os ônibus que saem para diversos bairros da cidade;
3. **Salão de Beleza** – sons de conversa de um salão em pleno sábado;
4. **Sorveteria da Bicota** – sons de sorveteria tradicional da cidade;
5. **Zoológico da cidade** – sons dos animais e pessoas visitando o zoológico;
6. **Noite de forró** – sons de uma apresentação de forró em meio à dança;
7. **Conservatório de Música** – sons de ambientes do Conservatório Musical da cidade;
8. **Noite no centro da cidade** – sons diversos de clubes e boates na noite;
9. **Aeroporto** – sons do aeroporto da cidade;
10. **Cinema** – sons do cinema durante a exibição de um filme;
11. **Playground do shopping** – sons de crianças enquanto brincam no *playground* do shopping;
12. **Jogo de futebol** – sons de um jogo do campeonato mineiro no estádio de futebol da cidade;
13. **Bloco de aulas do curso de música** – sons diversos no bloco em que funcionam os cursos de Artes da Universidade;
14. **Unidade Ambulatorial de Pronto Atendimento** – sons de pessoas enquanto esperam atendimento na unidade;
15. **Parque do Sabiá** – sons do principal parque da cidade, local de esportes e lazer;
16. **Almoço no dia dos Pais** – acompanhamento sonoro de um almoço em tradicional restaurante da cidade.

Todas as situações sonoras foram editadas em um minuto, com uma vinheta de abertura e encerramento. Os “clips” posteriormente serviram como intervalo dos blocos na execução dos radiojornais produzidos no âmbito da disciplina, além de serem veiculados na rádio web do curso. Na audição junto aos estudantes, o principal ponto criticado foi a qualidade sonora de alguns trabalhos que ficaram prejudicados devido ao meio de captação, em geral, os que utilizaram celular. No entanto, a experiência como um todo foi bastante apreciada pelos alunos.

Considerações Finais

“Escutar é talvez a capacidade mais fascinante do humano, por que nos dá a possibilidade de conexão. Não há conhecimento nem aprendizado sem escuta real. Fechar-se à escuta é condenar-se à solidão, é bater a porta ao novo, ao inesperado” (Eliane Brum).

A experiência metodológica de “Modos de Ouvir: sons de Uberlândia” tem se mostrado útil por conseguir apresentar ao aluno a importância do som na aplicação técnica da disciplina, quando efetivamente ele se depara com as demandas jornalísticas e precisa o tempo todo ficar atento ao que é sonoro na hora de compor as matérias e desenvolver as demais funções no radiojornalismo.

A partir desse contato, os alunos puderam entender os pilares da mensagem radiofônica: a voz, os efeitos sonoros, a música e o silêncio. Além disso, foi uma forma mais dinâmica de colocar o aluno observando a cidade, forçando-o a sair da posição passiva de quem apenas atravessa a cidade com seus fones de ouvido. Esse olhar a respeito do entorno em que vivem foi de grande valia principalmente para a prática da observação dos lugares que posteriormente podem se converter em pautas jornalísticas. Embora, nesta primeira experiência, tenha ficado evidente a concentração em temas do centro da cidade, espera-se ampliar o horizonte em exercícios futuros.

Para a disciplina, o exercício também se mostrou bastante produtivo: já familiarizado com o universo sonoro que nos cerca, o aluno pode compreender com mais exatidão a linguagem jornalística no rádio. A importância da captação sonora, a forma de escrever para alguém que vai ouvir e que deve entender de imediato o que é dito, como usar a voz aliada aos demais estímulos sonoros, tudo isso foi entendido mais rápido. Notamos ainda que o aluno adquiriu maior segurança na execução dos exercícios que vieram posteriormente, quando precisava, por exemplo, fazer passagens ao vivo de algum lugar da cidade, muitas vezes precisando improvisar.

“Modos de Ouvir: sons de Uberlândia” continua como importante experiência para as próximas turmas de “Radiojornalismo” por ter se mostrado útil no descortinar do universo radiofônico para os alunos. No entanto, algumas mudanças devem ser implementadas como forma de melhor valorizar o universo sonoro da cidade. Haverá direcionamento dos temas explorados para captação, exemplo: mostrar os parques sonoros da cidade e como esses parques tem sons diversificados conforme o horário - pela manhã,

sons de pássaros; à noite, o cochar dos sapos. Além disso, como o curso agora possui alguns gravadores, a captação sonora terá mais qualidade, pois os exercícios precisam ter o áudio claro para que o ouvinte saiba o que está acompanhando.

Referências bibliográficas

BRUM, Eliane. **Por que as pessoas falam tanto?** Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI94063-15230,00-POR+QUE+AS+PESSOAS+FALAM+TANTO.html>>. Acesso em 26 de jun. 2009.

DI FELICE, Massimo. **Paisagens Pós-urbanas** – o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar. São Paulo, Annablume, 2009.

CALFAT, Marcelo. **Metade dos moradores de Uberlândia é de migrantes.** Disponível em <http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/metade-dos-moradores-de-uberlandia-e-de-imigrantes/>. Acesso em 28 de jun. de 2012.

MENEZES, José Eugenio de O.. **Cultura do ouvir:** os vínculos sonoros na contemporaneidade. Líbero, Revista do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero, vol. 11, no. 21, 2008.

OBICI, Giuliano. **Condição da escuta:** mídias e territórios sonoros. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

PLUTARCO, **Como ouvir.** São Paulo, Martins Fontes, 2003.

PRYSTHON, Angela e CUNHA, Paulo. **Ecos Urbanos** – a cidade e suas articulações midiáticas. Porto Alegre, Sulina, 2008.

SCHAFER, R. Murray. **O ouvido pensante.** São Paulo: Edunesp, 1991.

_____. **A afinação do mundo:** uma exploração pioneira pela história e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto de nosso ambiente: a paisagem sonora. São Paulo: Unesp, 2001.

SILVA, Marco Aurélio da. **A audição humana.** Disponível em: <<http://www.brasilescola.com/fisica/a-audicao-humana.htm>>. Acesso em 26 de jun. 2012.